

Assunto da reunião de Nagoya: o bloqueio dos EUA.

A controvérsia criada pela decisão dos Estados Unidos e das demais potências industrializadas de bloquear o empréstimo de US\$ 350 milhões do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) para o Brasil, na semana passada, deve dominar a 32ª reunião anual da instituição, que começa no fim de semana em um dos mais modernos centros industriais do Japão, informa de Nagoya o enviado especial da **Agência Estado, Paulo Sotero**. O presidente do BID, Enrique Iglesias, que se encontra em Tóquio, disse que lamentava a decisão do grupo de nações industrializadas de bloquear o empréstimo da instituição ao Brasil. Para Iglesias, o bloqueio é uma atitude ilegítima e inaceitável.

Em Brasília, o ministro interino das Relações Exteriores, embaixador Marcos Azambuja, ponderou ontem a embaixadores de quatro dos países responsáveis pela suspensão do empréstimo brasileiro junto ao BID, que não será conveniente nem útil uma condenação pública - individual ou coletiva - ao Brasil na assembléia geral do banco. No encontro, entretanto, não se captou nenhum sinal, segundo um dos diplomatas presentes, de que os países industrializados do Grupo dos 7 pensem em reverter a decisão.

No encontro de Nagoya, a busca da participação japonesa em fundos de investimentos ad-

ministrados pelo BID, num total de US\$ 1,5 bilhão, previstos pelo Plano Brady, é também um dos temas importantes. A reunião terá, ainda, dois seminários paralelos sobre investimentos no setor privado na América Latina. Mas, entre os altos funcionários do BID e os representantes de seus mais de 30 países membros, que começam a chegar a Nagoya, a grande expectativa é sobre a resposta que a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, dará ao chamado Grupo dos 7, um gesto sem precedentes motivado pela falta de um acordo entre o Brasil e os bancos credores em Nova York.

A ministra Zélia Cardoso de Mello chega a Nagoya amanhã, procedente de Paris, e fica até domingo. A ação punitiva contra o Brasil foi criticada pelos governos de vários países europeus, como Bélgica, Holanda, Portugal, Espanha e os quatro escandinavos.

Apesar das críticas que a dura iniciativa norte-americana possa ter despertado e da relutância com que até mesmo alguns integrantes do próprio Grupo dos 7 parecem tê-la apoiado, não se pode prever se haverá fortes manifestações de solidariedade ao Brasil ou se algum país ou grupo de países comprará esta briga. Mais provável, na verdade, é que a reunião ilustre o isolamento internacional da equipe econômica em relação aos principais países líderes.